

**TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA ENTRE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES: APRENDIZAGENS EDUCATIVAS E
TRANSFORMADORAS**

GIROTTO, Vanessa C. – PPGE / NIASE / UFSCar¹ – vanessagirotto@yahoo.com.br

MELLO, Roseli R. de – PPGE / NIASE / UFSCar² – roseli@power.ufscar.br

GT: Alfabetização, Leitura e Escrita / n.10

Agência Financiadora: FAPESP³

Estamos diante de uma sociedade onde dentre as inúmeras práticas estabelecidas por diferentes grupos, e de diversas maneiras, existem aquelas que marginalizam grande parte da população. Entre essas práticas de marginalização podemos falar da mitificação da prática da leitura, tornando-a prática distintiva na medida em que determinado grupo dita que tipo de texto cada pessoa pode ou não ler.

Essa determinação sempre esteve atrelada a pessoas com elevada formação acadêmica, ou que pertençam à elite, ou seja, como exclusividade e privilégio de determinados grupos. Podemos falar hoje de teorias e autores que nos mostram que há outras formas de compreender o texto e verificar que nele há várias outras possibilidades de compreensão e não somente a escolarizada. Seus escritos defendem também a leitura de livros de literatura clássica universal e nacional por todas as pessoas, num movimento de democratização do conhecimento.

Embora vários autores e autoras venham abordando questões vinculadas a práticas de leitura (destaque para CHARTIER, 1996) e a aprendizagem da leitura como processos de letramento (ver SOARES, 2004), optamos por destacar a discussão posta por Freire & Macedo (2002), que afirmam que a leitura da palavra deve vir precedida da leitura do mundo, como espaço de formação crítica dos leitores como sujeitos no mundo e com mundo. “Ler o mundo”, explicam, é a capacidade dos seres humanos em nomear a própria experiência e compreender a natureza política dos limites e das possibilidades que caracterizam a sociedade. A leitura não pode, de acordo com esses autores, ser reduzida ao mero lidar com as letras e as palavras como um ato mecânico, mas deve se dar no sentido de promover mudanças democráticas e emancipadoras.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e membro do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

² Professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e coordenadora do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

³ O texto toma como base a pesquisa de mestrado intitulada “Tertúlia Literária Dialógica: conversando sobre âmbitos da vida”, defendida pela aluna, sob orientação da professora, e com financiamento da FAPESP.

Com relação ao uso da linguagem, Freire e Macedo (*ibid.*) defendem que a língua é cultura, daí que não se pode compreender uma linguagem sem uma análise de classe, ou seja, dos processos culturais que estão intimamente ligados às relações sociais. Nesse mesmo sentido, alertam para a necessidade de reconhecimento nos diferentes espaços, especialmente na escola, da existência de outras culturas que podem contribuir para a leitura do mundo, na medida em que haja possibilidade de transformar a leitura mecanizada dos conteúdos em estímulo à criatividade do educando, explorando a sua individualidade num contexto social.

A perspectiva desses autores nos remete ao resgate das idéias de Lajolo (1982), ao lembrar, com propriedade, que o domínio da língua escrita é considerado ainda nos dias atuais um atestado de superioridade intelectual, marca de valor, para os indivíduos e para as sociedades; dessa forma, o entrelaçamento da noção de literatura com a língua escrita favorece um conceito de literatura que privilegia a manifestação escrita sobre a oral. Garantir o acesso à língua escrita e o domínio de seu uso configuram, assim, partilhar com os sujeitos de diferentes grupos instrumentos de ação nessa sociedade; significa partilhar poder.

Ana Maria Machado (2002), contribui para essa reflexão ao explicitar que há duas atitudes antagônicas neste contexto onde a leitura é uma forma de apropriação desse poder: uma posição autoritária, que tenta impedir que a leitura seja amplamente difundida, e outra democrática, que defende a expansão da leitura para que todos/as possam ter acesso a essa parcela de poder. Acreditando na leitura como possibilidade de transformar e dar sentido diferente à vida de cada pessoa, assumimos a segunda posição.

A escolha pela defesa da leitura da Literatura Clássica Universal se dá como defesa de uma prática historicamente tomada como distintiva na valoração de diferentes classes sociais, como se fosse medida de capacidade ou de inteligência. Desde os gregos, a escolha pela leitura dessas obras teve origem letrada, ou seja, era direito exclusivo dos cidadãos que tinham e detinham a voz e o voto, o que mostrava e identificava a classe de origem. Entender e reconhecer que são sociais os critérios para a definição do que é literatura é um grande passo para escolher o que fazer com ela. Defender o acesso a esse tipo de leitura não significa, portanto, menosprezar o movimento de desqualificação que as elites e suas instituições (como a escola, por exemplo) fazem dos sujeitos pertencentes a grupos populares ao tentarem colonizar sua compreensão em conformidade com os sentidos que servem para manter tais elites em

posição dominante. É preciso subverter o espaço da leitura como lugar de muitos sentidos, por vezes conflituosos.

A leitura faz e retoma sentido na medida em que o leitor e a leitora reconhecem experiências intensas, complexas e significativas na vida de cada pessoa, as lutas sociais, os manifestos, os amores e as dores; leitor e leitora podem compartilhá-las com outras pessoas, dando sentido pessoal a cada trecho, sem que lhe seja enganosamente exposto e imposto um único sentido na leitura.

Mas como garantir espaço para compartilhar o lido, o compreendido, o lembrado e o pensado, num espaço reflexivo de aprendizagem respeitosa por meio da literatura? A Tertúlia Literária Dialógica dedica-se a criar e a garantir esse espaço. As reflexões estão orientadas a vincular literatura e mundo da vida, leitura do mundo e leitura da palavra.

Tertúlia Literária Dialógica: nascimento, princípios e possíveis alternativas.

A Tertúlia Literária Dialógica é uma prática de leitura compartilhada, realizada em espaços culturais. O grupo reúne-se uma vez por semana, em horário e local fixos, em sessões de uma a duas horas de duração. Uma pessoa deve ser a moderadora dos encontros, dinamizando os encontros, sinalizando a ordem de inscrições de fala e garantindo o espaço de diálogo igualitário.

De acordo com os autores Flecha e Mello (2005), a atividade de tertúlia literária dialógica teve sua origem em espaço de Educação de Jovens e Adultos, ligado aos movimentos sociais da Espanha, logo após o término da ditadura, em 1975, e início da fase de transição democrática. Ressaltam ainda que:

“Nesse período, a educação de pessoas adultas passou por uma grande mudança, saindo do modelo compensatório, imposto pelo regime ditatorial, passando a outro mais democrático e alternativo (Leras e Soler, 2003). Foi também nesse período que foi criada a Escola da Verneda de Sant-Martí, localizada num bairro de trabalhadores de Barcelona/Espanha. Pessoas do bairro invadiram um antigo prédio e ali fundaram a escola que, com educadores/as progressistas, constitui-se num espaço de democracia deliberativa”. (FLECHA e MELLO, 2005, p 30).

Conforme mencionado por Flecha & Mello (op. cit.), um grupo de educadores críticos dessa Escuela, inspirados em iniciativas educativas literárias que cresciam em

toda a Espanha⁴, criou a Tertúlia Literária Dialógica a partir dos anos 90, momento em que esse movimento passou a ser ouvido nos diversos âmbitos da sociedade. Começava-se a evidenciar a mudança dialógica pela qual a sociedade transitava; dessa forma, outras escolas e instituições reivindicaram as Tertúlias Literárias Dialógicas como parte de sua formação, tendo em vista seu princípio de diálogo e de transformação.

Acrescentam que essas mudanças inspiraram pessoas que estavam aprendendo a ler e a escrever a derrubarem um muro cultural duramente colocado pelos discursos dominantes: que a Literatura Clássica Universal só poderia ser lida por quem teve longa formação acadêmica. Assim, essas pessoas juntas (participantes e educadores/as), seguindo os princípios de *aprendizagem dialógica* (apresentados mais adiante) e sendo por eles orientados/as, foram desenvolvendo e aperfeiçoando essa atividade com a dinâmica de reunião semanal passando a compartilhar suas experiências de vida a partir da leitura de autores consagrados pela literatura.

Mello et al, (2006) indicam que os principais objetivos da atividade são: o desenvolvimento de processos de transformação pessoal e do entorno próximo para superar situações de exclusão social, cultural e/ou educativa; a promoção do encontro de diferentes pessoas, de diversas origens e descendências com obras da literatura clássica universal e nacional; o estímulo ao acesso a diferentes conhecimentos e modos de vida como ampliação da solidariedade e da possibilidade de convívio entre as pessoas; a explicitação da existência da inteligência cultural como capacidade de se aprender diferentes coisas ao longo de toda a vida, e o auxílio na criação de sentido para a leitura como atividade cultural, de direito de todos/as.

Num primeiro momento, podemos iniciar essa discussão em torno das aprendizagens adquiridas no ambiente de Tertúlia Literária Dialógica, contrapondo fatos da nossa própria história. História essa marcada por gritantes diferenças sociais, que silenciam as vozes dos marginalizados.

Como forma de contrapor esses processos desiguais, destacamos a dinâmica da atividade, onde as pessoas participantes sentem e mostram o desejo de ler, e de compartilhar com as demais pessoas do grupo o que sentem com a leitura. Na medida em que fazem a escolha do livro a ser lido conjuntamente, cada um/a pode propor uma

⁴ Tertúlias Literárias estavam se estabelecendo em cafés, em grupos de amigos, etc., como encontro entre pessoas letradas para discussão de um livro lido – prática que atualmente se começa a se expandir no Brasil entre pessoas com alta escolaridade. A Tertúlia Literária Dialógica é diferente pelos princípios que defende e pelo tipo de participação que prioriza (pessoas com baixa escolaridade e pertencentes a grupos historicamente excluídos).

obra para a leitura no grupo e explicar o que sabe dela e por que gostaria de lê-la. Dessa forma, vão se estabelecendo entre todos e todas critérios para eleger a leitura, mostrando suas diferentes leituras de mundo, mesmo que o processo de aprendizagem de leitura e de escrita escolarizada esteja em processo inicial.

A cada semana, se decide quantos capítulos ou páginas serão lidos para a próxima semana, estimulando-se que cada participante destaque um trecho que gostaria de comentar com os demais (lê o trecho em voz alta e explica o sentido significativo para sua vida, que o levou a querer compartilhá-lo com os/as demais). Em outros momentos, a leitura é realizada no próprio grupo, conjuntamente.

Percebe-se que na dinâmica da atividade o medo de falar, responsável por assombrar grande parte dos alfabetizandos, é substituído pelo desejo de compartilhar experiências de vida significativas em torno de leitura. Dessa forma, o que aprenderam ao longo de suas vidas pode facilmente ser transportado para o ambiente de Tertúlia Literária Dialógica, sendo compartilhado através dos destaques das obras lidas, e da mesma forma as aprendizagens adquiridas nesse espaço podem ser transportadas para outros ambientes onde se relacionam com outras pessoas.

Segundo Flecha (1997), os debates entre diferentes opiniões decorrentes da atividade vão sendo resolvidos através dos argumentos, assim é possível construir um diálogo igualitário entre diferentes. É importante destacar que na Tertúlia não se pretende descobrir o que o autor/a da obra está querendo dizer em seus textos, mas sim refletir e dialogar através das diferentes e possíveis interpretações que se dão no mesmo texto. A tertúlia literária dialógica abre espaço para se refletir a respeito de situações, interações, costumes, desigualdades, etc., presentes em nossa vida social.

O autor explica, ainda, o papel da pessoa moderadora nessa atividade, que é uma pessoa a mais no grupo, que aprende tanto ou mais que as pessoas participantes e é encarregada de organizar as falas, garantindo os princípios da aprendizagem dialógica. Seguindo esses princípios, a pessoa mediadora não pode impor a sua palavra como verdadeira, mas sim permitir que todas as pessoas possam colocar seus argumentos, refletir e discutir com a intenção de se chegar ou não a um consenso sobre o argumento provisoriamente válido. Na atividade, nenhum argumento está posto como concluído, pois as afirmações feitas em cada encontro podem ser questionadas em outros momentos.

No papel de moderadora, a pessoa deve dar a prioridade de fala a pessoas e grupos que vivem processos de exclusão social: mulheres, pessoas pertencentes a

minorias e grupos discriminados, pessoas com menos escolaridade, de forma que se garanta assim uma participação mais igualitária. Essa distribuição de fala fica facilitada ao se perceber que deve ter prioridade quem menos falou, já que frequentemente o silenciamento das pessoas quando estão em grupo se dá pelas pressões das desigualdades vividas na sociedade.

Os princípios da aprendizagem dialógica que orienta a atividade de Tertúlia Literária Dialógica estão apoiados nas elaborações de Habermas, sobre Ação Comunicativa, e Freire, sobre dialogicidade. Eles são:

- 1) **Diálogo igualitário**: o que se considera é a função de validade de um argumento e não a posição de poder das pessoas que estão na interlocução; assim todos (as) podem aprender igualmente
- 2) **Inteligência cultural**: todas as pessoas possuem inteligência cultural, a pessoa tem que ter oportunidades e condições de demonstrá-las em suas interações; nesse sentido, as distinções acontecem pelos diversos desenvolvimentos ocorridos frente a diferentes entornos; a desigualdade decorre da valoração que a sociedade faz de uns conhecimentos, desvalorizando os demais. Cabe romper com esse círculo vicioso e dialogar com base na inteligência cultural.
- 3) **Transformação**: as relações entre as pessoas e seus entornos são transformadas a partir da aprendizagem dialógica. Como afirma Paulo Freire (2004, p.28): “as pessoas não são seres de adaptação, mas de transformação”.. “Se a educação não pode tudo, sem ela não há transformação”.
- 4) **Dimensão Instrumental**: os estudos de Flecha nos permitem entender que a capacidade de seleção e processamento de informações é o melhor instrumento cognitivo para se desenvolver na sociedade atual; portanto, a aprendizagem dialógica e a reflexão permitem a aprendizagem instrumental de conhecimentos e habilidades necessários para operar transformações e para agir no mundo.
- 5) **Criação de sentido**: o sentido ressurge quando a interação entre as pessoas é dirigida por elas mesmas, ou seja, a criação de sentido com outras pessoas

onde se estabelece um diálogo horizontal. A solidariedade se abre como caminho para a superação dos problemas criados pelo dinheiro e pelo poder.

6) **Solidariedade:** a solidariedade vem confrontar com as teorias antidemocráticas determinadas pelo poder, desmistificando os discursos pós-modernos que consideram as práticas igualitárias como impossíveis e indesejáveis. Segundo Flecha (1997), as práticas educativas igualitárias só podem se fundamentar em concepções solidárias.

7) **Igualdade de diferenças:** a aprendizagem dialógica é baseada na igualdade das diferenças, afirmando que a verdadeira igualdade inclui o mesmo direito de toda pessoa viver de modo diferente,

Seguindo essas formulações é possível enxergar a Tertúlia Literária Dialógica como uma atividade cultural, social e educativa que auxilia na criação de diálogo igualitário e de transformação (pessoal e do entorno social mais próximo), na medida em que se realiza leitura de obras de literatura clássica e nacional.

Graças a experiências de pessoas que vivenciaram a atividade, e que tiveram o desejo de vê-la implantada no Brasil há, atualmente, seis Tertúlias Literárias Dialógicas, na cidade de São Carlos. Cinco delas estão dedicadas à Educação de Pessoas Jovens e Adultas, sendo desenvolvidas em escolas, em centro comunitário ou na Universidade da Terceira Idade. O sexto grupo é composto por crianças e adolescentes de bairro de periferia urbana, junto ao qual foi desenvolvida a pesquisa de mestrado que a partir de agora será focalizada.

A Tertúlia Literária Dialógica entre crianças e adolescentes: prática de leitura do mundo e leitura da palavra.

Considerando as expectativas que socialmente foram construídas a respeito dos grupos populares e com baixa escolaridade não terem condições de compreensão de livros de literatura clássica, expectativas essas estendidas a suas crianças, partíamos do pressuposto de que é possível modificar essas expectativas ao se propor a prática de Tertúlia Literária Dialógica, para crianças de um bairro periférico de uma cidade de médio porte, do Estado de São Paulo.

A questão que nos colocávamos para o trabalho de pesquisa era: quais os conhecimentos e as aprendizagens que crianças com baixa escolaridade, residentes em

bairro de periferia urbana, podem desenvolver a partir de leituras de livros em dinâmica de Tertúlia Literária Dialógica?

Para a concretização formal do processo, foi necessário escrever um ofício contendo o pedido de permissão para a utilização do espaço da escola e um termo de compromisso assumido pela pesquisadora contendo os objetivos e as propostas da pesquisa, enviados posteriormente à Secretaria de Educação da cidade de São Carlos e aos participantes. Também foi solicitado, por escrito, concordância para o desenvolvimento da pesquisa às crianças e adolescentes e a seus familiares.

A atividade teve início em janeiro de 2006 com a participação de 12 pessoas entre crianças e adolescentes, ocorrendo aos sábados no horário das 10:00h às 11:30h. Para a elaboração da pesquisa, como sujeitos da investigação, contamos com a participação de 3 crianças e duas adolescentes: Minerva, Deméter, Afrodite, Ísis e Íris, nomes por elas escolhidos com base na mitologia grega, motivadas pela leitura de “Odisséia”. Afrodite e Ísis eram as adolescentes, a primeira cursando o ensino médio, a outra cursando o final do ensino fundamental. Minerva e Ísis cursavam a quarta série do ensino fundamental e Deméter cursava a quinta série.

A coleta de dados foi realizada de janeiro a novembro de 2006 – mas a atividade de Tertúlia Literária Dialógica, enquanto prática de leitura e extensão universitária continua e tem a intenção de ser atividade permanente.

No período da pesquisa, foram lidos no grupo a “Odisséia”, adaptado por Ruth Rocha; “Menina Bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado; “Histórias da Preta”⁵, escrito por Heloisa Pires de Lima, e “Revolução dos bichos”, de George Orwell.

Para a elaboração da coleta de dados, nos baseamos na metodologia comunicativo - crítica de investigação. A idéia original é a de que as pessoas geram práticas que influenciam as estruturas sociais, da mesma forma que as estruturas influenciam a ação humana. Dessa maneira, é necessário que investigador/a e participante busquem entendimentos a partir de afirmações sinceras para chegar a um acordo intersubjetivo, ou seja, o diálogo possibilita uma comunicação intersubjetiva com pretensão de validade (GÓMEZ et. al., 2006).

⁵ Vale destacar que os pedidos para a leitura de livros de literatura africana aconteciam quase toda a semana, principalmente por parte de duas crianças negras participantes na atividade que relatavam sempre suas histórias de discriminação sofrida na escola, por parte do professorado e amigos de turma. A falta de livros de literatura nas prateleiras era evidente e se mostrava mais quando o tema era esse, daí a necessidade de reforçar e apoiar o discurso dessas crianças com leituras referentes a esse tema. Com o apoio do órgão financiador da pesquisa (FAPESP), foi realizada a compra do livro “Histórias da Preta”, para iniciarmos uma discussão através de leituras e reflexões sobre a temática tão presente na vida daquelas crianças e adolescentes.

Realizamos entrevistas em profundidade com as participantes em suas próprias casas, de forma a conhecer quais eram os significados que participantes davam a uma determinada realidade, neste caso, à realidade da suas participações na tertúlia. Estas interpretações se construíram a partir da relação dialógica entre a investigadora e as pessoas participantes. Para analisar as entrevistas, foram realizadas transcrições de cada uma e posteriormente elaboramos sumário individual, de forma a apresentar cada sujeito seguindo a temática da pesquisa: relações das aprendizagens construídas na tertúlia para outros âmbitos da vida. Por fim, foi feito um quadro comparativo entre os sujeitos constando alguns itens possíveis de análise.

Foram realizados grupos de discussão comunicativo com as crianças e adolescentes e posteriormente com seus familiares, com o objetivo de dialogar, refletir e discutir sobre situações vividas na atividade, onde cada pessoa argumentava sobre suas interpretações com a intenção de validá-las. A realização do grupo de discussão com familiares foi gravada e, após a transcrição desse material, foi possível levantar algumas questões que foram colocadas na forma de quadro e com alguns itens possíveis de análise. Esse quadro foi devolvido às famílias, de forma individual, para que juntamente com a pesquisadora fosse elaborado um novo quadro a partir de suas visões. Cabe destacar que a função das entrevistas em profundidade, realizadas com familiares, foi no sentido de buscar em suas falas o entendimento que elas tiveram no que diz respeito à participação de suas crianças e adolescentes na atividade: suas aprendizagens nesse espaço, o que elas levavam para casa e o que traziam de outros espaços e que enriquecia e formava o grupo, além de ouvir sugestões para o melhor andamento da atividade.

Seguindo os pressupostos da metodologia de investigação comunicativo-crítica, ao descrever a utilização de qualquer tipo de técnica de coleta de informações, desde que se aplique a uma orientação comunicativa e não instrumental (GÓMEZ, et al, 2006, p. 78), optamos por utilizar também os diários de campo no qual constaram algumas observações, reflexões, interpretações e explicações, próprias do vivido durante a participação na atividade de Tertúlia, além de anotações de falas das próprias participantes, que posteriormente foram analisadas junto delas e utilizadas como auxílio na interpretação dos dados da pesquisa.

Além disso, utilizamos filmagem como técnica para registrar momentos da atividade, com toda a riqueza de detalhes que esta possibilitou: destaques de parágrafos, inscrições nas falas, leitura silenciosa e no grupo, convívio e relação (amistosa ou não) entre as crianças e adolescentes etc. Todos esses registros serviram para melhor orientar

as pesquisadoras na hora da análise dos dados, bem como dialogar com as participantes seus papéis na atividade.

A dinâmica da atividade sempre esteve pautada na relação de condução e apoio, seguindo as regras estabelecidas na atividade de tertúlia. Como moderadora da atividade, a pesquisadora era responsável por anotar as inscrições, além de conduzir o bom andamento da dinâmica, na tentativa de manter o acesso e permanência de todos/as, como por exemplo, reforçar a importância do diálogo igualitário garantido pelas inscrições, a solidariedade com os que liam mais devagar, igualdade nas diferenças, especialmente no que se refere às relações estabelecidas entre crianças e adolescentes, sempre procurando valorizar a leitura de pessoas que estavam em maior situação de exclusão.

Na função de pesquisadora começava a descobrir e a notar o sentido que aquela atividade estava tendo para cada participante; assim foi possível perceber nas atitudes de crianças e adolescentes que chegavam mais cedo para “arrumar” a sala, que o espaço reservado para a atividade deixava de ser passeio e tornava-se, dia-após-dia, o lugar onde sentiam que podiam **estar**, ao mesmo tempo, falando de suas vidas e discutindo literatura.

Voltamos mais uma vez à nossa questão para tentar sistematizar uma resposta: quais os conhecimentos e as aprendizagens que crianças com baixa escolaridade, residentes em bairro de periferia urbana, podem desenvolver a partir de leituras de livros em dinâmica de Tertúlia Literária Dialógica?

Os conhecimentos e as aprendizagens que crianças com baixa escolaridade puderam obter a partir de leituras de livros de literatura clássica universal e nacional tornaram-se possíveis na medida em que puderam expressar seus conhecimentos num ambiente dialógico, orientado pelos princípios da aprendizagem dialógica.

Podemos dizer que o diálogo igualitário (FLECHA, 1997) foi visto pelas participantes como algo positivo, pois cada pessoa pode fazer os comentários e os destaques por meio das inscrições, que priorizaram as pessoas que correm maiores riscos de exclusão e as que ainda não tiveram sua fala contemplada, sem serem interrompidas podendo, através de seus comentários, enriquecer a dinâmica. Essa percepção é entendida por uma das participantes, Minerva, quando ela diz que “quem vai falar é a Íris, outra participante, que tinha menor escolaridade”.

O princípio de inteligência cultural revelou-se todo o tempo das interações e comentários sobre a leitura, na TLD. Tal princípio supõe que cada pessoa, ao longo de

sua vida, adquire conhecimentos na vida que leva, por meio de suas interações; ao poder vincular a leitura feita com experiências vividas e ouvir o que têm a dizer as outras pessoas do grupo, amplia-se as experiências compartilhadas e, portanto, a própria capacidade de aprender e de ensinar.

Afrodite destaca o quanto o fato das pessoas possuírem diferentes conhecimentos enriquece a possibilidade de formação, na dinâmica da atividade, já que cada um\ a pode expressar o que pensa e ver sentido diferente na mesma leitura e ser respeitados\ as por isso.

Respeitar as diferenças é algo que Deméter indica como de fundamental importância para o estabelecimento da dinâmica, e assinala que o fato de ninguém ter nascido sabendo é um bom começo para se ouvir e aprender com o outro/ a, pois acredita que ninguém é “sabichudo”, e por isso pode aprender com os diferentes.

O princípio de transformação se faz notar nos relatos que as participantes fizeram a respeito de como elas têm auxiliado a alterar espaços e relações nos quais elas estão, para além da Tertúlia. É transformação externa, mas também há transformações internas, que elas e outras pessoas notam em seu comportamento.

Por acreditarem que a atividade de Tertúlia tornou-se parte da sua vida, as crianças avaliavam que seria importante transmiti-la para outras gerações, filhos, netos, o que construíram e aprenderam nesse espaço, auxiliando na formação de novos espaços de diálogo, leitura, solidariedade, etc.

As leituras realizadas na Tertúlia permitiram que as crianças fizessem relação com a própria história do país. Deméter relaciona a vida boa dos porcos, apresentada no livro, “A revolução dos Bichos”, com a vida dos políticos em nosso país, identificando o grau que separa o povo desse poder, onde os que mandam mais estão sempre em cima e o povo, bem como os demais animais do livro, sempre embaixo, com a função de ouvir o que eles têm a dizer.

Uma adolescente mostra o quanto a atividade de Tertúlia foi importante para ela aprender a respeitar as outras pessoas nos demais ambientes de seu convívio social, aprendeu a ouvir mais e entendeu que as pessoas têm o direito de falar e de se expressar conforme o que pensam.

Utilizar os conhecimentos adquiridos na Tertúlia para enriquecer outros espaços foi uma solução encontrada por Minerva, quando na sala de aula sua professora pede para fazerem as tarefas escolares.

Quanto à Dimensão Instrumental da Aprendizagem Dialógica, a melhoria na leitura e na escrita é algo presente na fala de todas as participantes, elemento fundamental para a criança e adolescente ter bom desempenho na escola, diminuindo as suas chances de desqualificação.

Minerva e Íris comentam que sua professora propõe a seus\suas alunos\as uma participação nessa atividade, já que o contar sobre a atividade para outras pessoas despertou a curiosidade e o interesse em participar. E acrescentam que com a leitura na Tertúlia do livro “Odisséia” sua professora aprendeu muito, apesar de ser professora, segundo sua própria fala, o que significa que todos/as aprendem muito, independentes da formação escolar que tenha.

Para Íris depois que começou a participar da tertúlia, acredita que suas aprendizagens sobre leitura e escrita melhoraram bastante, porque a partir de então começou a se dedicar mais à leitura, especificamente à leitura dos livros lidos na tertúlia. Além disso, vê o enriquecimento de seu universo vocabular, através das aprendizagens dos novos significados das palavras, no uso diário do dicionário e das pesquisas feitas em casa, com familiares e professores com relação às palavras que não são encontradas no dicionário.

Minerva reconhece que nesses seis meses de participação na atividade de tertúlia, muita coisa já aconteceu, aprendeu a ser mais observadora e solidária com os/as colegas com dificuldades. E comenta que a leitura que faz na Tertúlia permite que ela compreenda melhor o vocabulário do seu dia a dia, uma vez que pode aprender a forma correta das palavras praticando o exercício da leitura, assim pode ver onde tem acento, onde tem letra maiúscula, onde tem parágrafo. Essa melhoria no que diz respeito a leitura e escrita é sentida por ela e pelas pessoas que acompanham seu desenvolvimento, como por exemplo, a professora e seus colegas de turma. Reconhece que com sua participação na atividade de Tertúlia ficou mais atenta à leitura dos colegas e também a leitura de determinado livro incentiva a curiosidade e a vontade em aprender mais, levando-a buscar, em outros exemplares, respostas para sua indagação.

Deméter acredita ter melhorado muito no que se refere à disciplina de português, desde o início na Tertúlia; acredita que o fato de participar amplia seu vocabulário e faz com que ela perceba os erros que normalmente comete, no que se refere à escrita das palavras, por exemplo.

Como assinala Flecha (1997), a Criação de Sentido surge quando a interação entre as pessoas é dirigida por elas mesmas, assim o sentido de compartilhar palavras

em um grupo ajuda a recriar o sentido em suas vidas. Tal princípio pode ser visto no depoimento de Afrodite sobre a leitura. Sentido esse criado por Afrodite ao descobrir o prazer que a leitura dava para sua vida, passando agora a ler por gosto e não mais por obrigação, como se estabelece, muitas vezes, nas relações entre leitores, dentro da sociedade.

Quanto ao princípio de Solidariedade, o principal aspecto que se pode notar nos depoimentos das meninas e adolescentes foi exatamente o fato de o convívio entre pessoas de diferentes idades beneficiar a solidariedade entre elas, com destaque para os processos de uma ensinar o que a outra não sabe.

Cabe também comentar as cenas assistidas durante as Tertúlias, quando uma criança ou uma adolescente ajudava outro participante a localizar no livro de edição distinta o que se estava lendo no momento, ação completamente distinta da competição e do individualismo que muitas vezes se presencia em salas de aula, espaços públicos ou na casa.

Íris fala da importância de se conviver entre crianças e adolescentes, pois estas auxiliam quando tem alguma dificuldade. Acredita que por serem de mais idade e por dominarem mais a leitura e a escrita podem apoiar as crianças menores em sua tarefa de leitura, sendo assim pode transmitir o que sabe para as demais.

Muitas vezes, Afrodite se deixa levar pela idéia de que não pode ensinar nada para ninguém, porém no decorrer da atividade na medida em que cada um/a pode falar sobre o que quiser e ser respeitado nesse espaço de diálogo igualitário, ela vai pouco a pouco entendendo que cada um sabe uma coisa diferente e pode contribuir para enriquecer o aprendizado do coletivo, especialmente no que se refere ao aprendizado das crianças.

Por fim, o princípio de Igualdade de diferenças, enquanto igual direito de ser diferente se podia notar num movimento crescente no decorrer dos encontros: o crescente respeito às opiniões diferentes, à forma de vestir e ser de cada uma, às necessidades e dificuldades específicas. Mas cabe aqui destacar o que é bastante central neste princípio e que por vezes nos pode escapar: espaço de superação de preconceitos.

Deméter acredita que na Tertúlia as pessoas respeitam o igual direito que cada uma tem de ser diferente, quando se refere ao fato de todas “falarem a mesma língua”, quer mostrar que as pessoas se ouvem e se respeitam. A diferença de classe: ricos e pobres, tão presente em nossa sociedade e responsável por tantas desigualdades, é vista por essa participante da Tertúlia como algo a mais a ser aprendido e respeitado e não um

fator limitador, o que torna, em seu entendimento, todas as pessoas do mesmo nível, já que nesse local importa o quanto vão aprender e ensinar e não os bens materiais que possuem.

Resultados e alternativas possíveis

Reconhecemos que no espaço de tertúlia os conhecimentos interagem e cada um/a pode ensinar a partir do referencial e da aprendizagem que possui. Dessa forma a interação de crianças e adolescentes convivendo num mesmo espaço se torna essencial para o crescimento e a troca de experiências, e que podem ser transportadas para outros locais como, por exemplo, para a sala de aula.

Identificamos como positiva a relação da convivência estabelecida entre crianças e adolescentes, que fazem parte de uma mesma família e de um mesmo espaço. Ainda há quem acredite que não se podem juntar essas duas variedades de idade, porque cada uma pensa de uma forma, acreditando que essa heterogeneidade possa vir a prejudicar o desenvolvimento de ambas as partes. Por outro lado o convívio com esse grupo permitiu entender e saber o que pensam a esse respeito, possibilitando discutir e, de certa forma, desmistificar essa hipótese.

Na concepção dialógica (FLECHA, 1997), o processo de superação das desigualdades educativas não depende só da intervenção de profissionais da educação, mas sim de um conjunto de pessoas e contextos relacionados com as diferentes aprendizagens das pessoas. Dessa forma, a atividade de TLD mostrou-se uma importante atividade para assegurar esse direito, onde cada um pode aprender o que necessita e o que deseja.

Entendemos a necessidade de nos indignar perante essas situações e não nos calar, mostrar para as pessoas que as coisas não estão dadas e que pode ser diferente, porém para ser diferente temos que conhecer o outro lado da história. E são os exemplos que cada criança e adolescente leva para outros locais, especialmente pra escola, que farão a diferença e ajudarão as pessoas a viver num mundo mais justo e mais respeitoso.

E retomando o contexto das desigualdades educativas vividas por grande parte de crianças em idade escolar, a dinâmica da atividade, estabelecida pelos princípios da aprendizagem dialógica, permitiu estimular e incentivar a leitura daquele/as que tivessem com mais dificuldade, para que pudessem posteriormente querer ler, e pudessem assim transformar suas dificuldades em possibilidades.

Nesse sentido, fazendo a leitura e contraponto com as histórias dos livros lidos na Tertúlia está a importância da ação de ouvir o que elas tinham a dizer sobre as situações cotidianas que aconteceram no seu bairro, na sua rua quando o assunto era violência, fome, entre outros. Isso nos facilitou a compreensão e entendimento a respeito de quem educa quem.

O ler os clássicos da literatura universal e nacional, discutidos por Lajolo (1982) no sentido de comentar, discutir e relaciona-los com aprendizagens do dia a dia, possibilitou às participantes um mundo de descobertas. Assim, as histórias contidas nesses livros puderam em vários momentos ser transferidas para seus próprios contextos, num movimento constante de misturas de temáticas cotidianas, rodeadas por grandes heróis.

Passagens da vida puderam ser descritas, compartilhadas e lidas na medida em que se comentava e destacava cada parágrafo. Assim muitos assuntos do dia a dia, como racismo, escravidão, política, fome, opressão, entre outros estiveram presentes na atividade, orientando as discussões entre participantes.

Com o decorrer da atividade tornava-se mais evidente a maneira como as crianças e adolescentes iam pouco a pouco se apropriando das histórias dos livros e, a partir delas contando as suas próprias histórias. Assim, a atividade de TLD, com o decorrer dos encontros, tornou-se uma prática compartilhada e reflexiva de leitura e como espaço dialógico.

A partir dessa prática de leitura com um grupo de crianças e adolescentes e da apropriação dos princípios da aprendizagem dialógica por eles/as, foi possível perceber o quanto elas nos ajudaram a responder muitas questões colocadas pela sociedade como barreiras, e conseqüente marginalização, especialmente no que se refere à leitura dos clássicos da literatura universal.

Percebemos então, que através da atividade de Tertúlia, muitas aprendizagens adquiridas através de seus princípios e dinâmica se estenderam à vida das crianças, adolescentes e seus familiares, bem como em outros ambientes, tomando para si referências positivas para aprendizagens, apoio familiar, solidariedade, escola, hábitos, etc. Além do que essa convivência entre todos/as, gerou o desejo de se unirem no sentido de oferecer as mesmas condições para que mais pessoas possam participar do diálogo na sociedade.

Dessa forma, esperamos que esses resultados possam desencadear um processo constante de busca e aprendizagens por espaços mais dialógicos de construção

de conhecimento, que possam suscitar a vontade de construir outros espaços, podendo vir a juntar-se à TLD nessa luta, ou até mesmo, e por que não, possibilitar o nascimento de outras tertúlias.

Referências

- CHARTIER, R. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 3ª edição, Coleção primeiros passos, São Paulo, editora brasiliense, 1982
- FREIRE, Paulo, & MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo e leitura da palavra**, 3ª edição, Rio de Janeiro, editora paz e terra, 2002
- FLECHA, Ramón. **Compartiendo Palabras**. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Paidós, 1997
- FLECHA, Ramón.& MELLO, Roseli.R. **Tertúlia Literária Dialógica: Compartilhando histórias**. In: Revista de educação Presente. Publicação Ceap, edições Loyola. Publicado em março de 2005. Ano XIII-nº 48 (p.29-33)
- GÓMEZ, Jesus, et al. **Metodologia comunicativa crítica**, Barcelona, El Roure, 2006
- MACHADO, Ana. M. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro, objetiva, 2002
- MELLO, Roseli, R. et al. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica ao longo da vida. **Artigo** apresentado no 3ª Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, de 23 a 25 de outubro de 2006.
- SOARES, Magda. **Letramento – um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.